

A BAIXELA DE PRATA DA CASA VEYRAT PARA A RAINHA D. MARIA PIA UM SERVIÇO DE MESA EMBLEMÁTICO NO ACERVO DO PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA

A SILVER SERVICE FOR QUEEN MARIA PIA FROM MAISON VEYRAT A NOTEWORTHY SILVER SERVICE IN THE NATIONAL PALACE OF AJUDA COLLECTIONS

Teresa Maranhas

*Conservadora da colecção de ourivesaria no Palácio Nacional da Ajuda
teresamaranhas@pnajuda.dgpc.pt*

RESUMO

A baixela de prata da Casa Veyrat, constituída hoje por duzentas e sessenta e uma peças, terá sido trazida de Itália por D. Maria Pia quando veio para Portugal para casar com o rei D. Luís I, em 1862. Este serviço, “conhecido pelo nome de prata do casamento”, conservou-se no Palácio da Ajuda e faz hoje parte do seu acervo. Destino diferente teve o centro de mesa deste conjunto, entregue pela própria soberana ao Banco de Portugal no início do séc. XX, como garantia de empréstimos bancários que contraiu. Em Julho de 1912, já em plena República, foi vendido no célebre leilão das *Jóias e Pratas que pertenceram à falecida rainha D. Maria Pia*. O seu paradeiro permaneceu desconhecido até Dezembro de 2014, altura em que reapareceu no mercado de antiquariato e arte e foi adquirido pela Direcção-Geral do Património Cultural para reintegrar o acervo do Palácio Nacional da Ajuda.

PALAVRAS-CHAVE

Baixela | Centro de mesa | Veyrat | D. Maria Pia | Palácio Nacional da Ajuda

ABSTRACT

The silver service from Maison Veyrat counts two hundred and sixty one pieces today. It was brought from Italy by Queen Maria Pia when she came to Portugal to wed King Luis in 1862. This service known as “the wedding silver” remained in the palace of Ajuda where it was kept since then. A different fate was suffered by its centrepiece, submitted by the Queen herself to the Bank of Portugal in the early 20th century, standing as guarantee against the bank loans she asked for. In July 1912, already into the republican period, the centrepiece was sold in what became the where wellknown auction of “the Jewels and silver of Queen Maria Pia”. Its whereabouts remained unknown until December 2014 when it resurfaced in the antiquariat and art market. It was purchased by the Direcção-Geral do Património Cultural (Directorate General for Cultural Heritage) and returned to the Palace of Ajuda collections.

KEYWORDS

Silver service | Centrepiece | Veyrat | Maria Pia | National Palace of Ajuda

IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO

O Palácio Nacional da Ajuda conserva no seu acervo uma notável baixela de prata executada nas oficinas da *Maison Veyrat*, sob a direcção de Augustin-Pierre-Adolphe Veyrat (Paris, 06.01.1809 – Paris, 20.12.1883)¹ ao gosto revivalista de cariz romântico que caracterizou a produção das artes decorativas na segunda metade de Oitocentos.² O conjunto é constituído por sessenta peças em prata e cristal, um faqueiro com cento e noventa e quatro talheres, um serviço de chá e café com seis peças e, ainda, um centro de mesa cujo percurso se revelaria

distinto das demais peças, fruto de vicissitudes históricas e circunstâncias económico-financeiras que condicionaram os derradeiros anos da monarquia. Apartado das colecções da Casa Real nos primeiros anos do século XX, viria a conhecer, mais tarde, outros proprietários. O seu paradeiro permaneceria incógnito até Dezembro de 2014, altura em que reapareceu no mercado de antiquariato e arte e oportunamente foi adquirido pela Direcção-Geral do Património Cultural para reintegrar o acervo do Palácio Nacional da Ajuda.

A CASA VEYRAT

A Casa Veyrat foi fundada em Paris, em 1815, por Jean-François Veyrat (Genebra, 1785 – Paris, 1849 [?]).³ Jean-François terá iniciado a sua actividade artística como *monteur de boîtes*, facto aparentemente pouco conhecido, tendo registado um punção nesta especialidade em 1817.⁴ Todavia, o renome alcançado adveio-lhe, sobretudo, da sua laboração enquanto *plaqueur orfèvre*, tendo desenvolvido neste âmbito vários aperfeiçoamentos técnicos aplicados ao fabrico de artefactos em *plaqué*,⁵ talheres em particular. A 30 de Junho de 1820 registou uma patente, com validade de cinco anos, para a exploração de um processo de fabrico de talheres em ferro forjado e prateado (ALLAN, 2007: 317).

Durante a década de vinte e inícios da década de trinta, registou outros punções para a autenticação

autoral da sua produção neste domínio. Um inscrito no averbamento como destinado às peças manufacturadas em *plaqué sur fer et cuivre*, tendo como morada a rue de la Tour e os outros dois, na sequência daquele, referidos de forma mais generalista como destinados simplesmente às *ouvrages en plaqué*, tendo por morada o n.º10 rue de la Tour (ARMINJON et al., 1991: 150 e 196; n.º 1252 e 1804, respectivamente).

Foi na qualidade de *monteur de boîtes et guillocheur* que Jean-François se associou ao famoso ourives, joalheiro, lapidário e mosaísta Jean-Valentin Morel (1794-1860) entre 1 de Outubro de 1833 e 28 de Fevereiro de 1834 (DION-TENENBAUM, 1991: 529; LUCAS, 2000: 97).

A firma Veyrat et Morel participou na *Exposition des Produits de l'Industrie Française* de 1834, ocupando

1. L.F. – “Necrologie”. *Revue des Arts Décoratifs*, Tome V. Paris: Union Centrale des Arts Décoratifs, 1884-1885, pp. 528-530. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k58031859/f585.image.r=Dictionnaire%20des%20arts%20et%20industries.lang.FR>
2. O acervo do Palácio Nacional da Ajuda conta ainda com outros conjuntos provenientes da Casa Veyrat, designadamente, um faqueiro de mesa e sobremesa incompleto com 360 talheres e o monograma “PP” coroadado, referente a D. Pedro V (rei 1853-1861) e um serviço de toucador com 23 peças e o monograma “L” coroadado, referente a D. Luís I (rei 1861-1889).
3. Agradecemos esta referência cronológica a Henrique Correia Braga.
4. Agradecemos esta informação a Anne Dion-Tenenbaum.
5. A técnica do *plaqué*, descoberta em 1743, consistia na fusão de uma fina folha de prata ou ouro sobre uma ou as duas faces de um metal não precioso, geralmente cobre ou latão. O agregado bimetálico era posteriormente laminado e convertido em folha de maior ou menor espessura susceptível de ser trabalhada. Vd. ALVES et al. – *Normas de Inventário, Ourivesaria*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2011, p. 153.

o stand n.º 22.⁶ Os seus artigos foram apreciados nos seguintes termos: “Les bijoux en pierres fines, et ceux en mosaïque, de MM. Veyrat et Morel, [...] quoi qu’ils fussent assez bien montés, n’ont obtenu que les honneurs du concours”.⁷ Após a dissolução da parceria, Morel foi convidado para chefe de atelier de Jean-Baptiste Fossin (1786-1848) e do seu filho Jules (1808-1869), tendo prosseguido uma brilhante carreira e Veyrat ter-se-á dedicado com maior disponibilidade ao seu negócio.

O primeiro punção para o fabrico de peças de prata (uma estrela / VEYRAT / uma estrela) viria a ser registado, por Jean-François a 5 de Maio de 1832 e cancelado a 18 de Janeiro de 1840, tendo como morada o n.º 10 rue de la Tour (ARMINJON *et al.*, 1991: 324, n.º 3334). Foi justamente na década de 30 que Jean-François associou o seu filho Augustin à empresa. Augustin cedo deu mostras do seu talento e da sua sólida formação profissional. Os conhecimentos especiais adquiridos, bem como o domínio da arte do desenho e a prática profissional, permitiram-lhe aperfeiçoar o gosto e dominar com mestria a concepção e execução das obras.⁸

Ao longo da sua existência, a *Maison Veyrat* não mais utilizaria outra marca para a sua produção em prata, o que não permite uma datação precisa das obras nem a sua filiação autoral imediata em relação à dinastia de apelido Veyrat. Torna-se pois fundamental que, no decorrer do presente estudo, façamos referências às datas em que o mesmo foi sendo renovado e às circunstâncias que acompanharam essa renovação.

Sob a direcção de Jean-François, a *Maison Veyrat* participou consecutivamente nas três edições da *Exposition des Produits de l’Industrie Française*, em 1827, 1834⁹ e 1839. Naquele primeiro ano foi galardoada com uma medalha de bronze pela produção de

cutelaria (ALLAN, 2007: 317). A produção continuou a contemplar as duas vertentes: a dos artigos em liga de prata e a dos artefactos em *plaqué*, garantindo assim o escoamento a dois níveis de mercado.

No início da década de quarenta Jean-François oficializou a parceria com o filho Augustin e a firma transitou para nova morada, no n.º 20 rue de Malte. O punção para o fabrico de peças em prata foi registado a 10 de Fevereiro de 1840 e cancelado a 20 de Outubro de 1849. A firma passou a ser conhecida sob a designação comercial Veyrat & fils (ARMINJON *et al.*, 1994: 346, n.º 3848).

Até ao final da década de quarenta a *Maison Veyrat* continuou a marcar presença nas Exposições Industriais de 1844 e 1849. Nesta última, foi galardoada com medalha de prata e a apreciação do júri valeu-lhe a elogiosa observação: “La maison de M. Veyrat est la seule où l’on puisse harmoniser parfaitement un service de table en orfèvrerie massive et en plaqué, car, seule elle a reuni ces deux industries.” (Rapport du jury central, citado por ALLAN, 2007: 317). No decorrer do século XIX, a Casa Veyrat tornar-se-ia num dos mais importantes fabricantes franceses de ourivesaria.

Jean-François havia já cedido a direcção da firma a Augustin, em 1845¹⁰ e em finais de 1849 terá abandonado o negócio já que a 31 de Outubro, o punção para o fabrico de peças de prata foi registado, a título individual pelo filho, na mesma morada que ocupava com o pai,¹¹ sob a designação comercial Veyrat fils (ARMINJON *et al.*, 1994: 346, n.º 3849). É incerta a data do seu cancelamento, pois a bibliografia da especialidade não a refere mas supomos que tenha sido usada até à data do seu falecimento.

6. A parceria é identificada como: “Veyrat et Morel, à Paris, rue de la Vieille-Draperie, n.º 5: Mosaïque et Pierres fines sur bijoux”. Cf. *Catalogue des Produits de l’Industrie Française, admis à l’Exposition Publique, sur la Place de la Concorde, en 1834*. Paris: Pihan Laforest Imprimeur, 1834, p. 3. Disponível em https://archive.org/stream/bub_gb_CjXApaXjTLwC#page/n15/mode/2up (30.04.2015). Agradecemos esta referência a Henrique Correia Braga.

7. *Musée Industriel, Description Complète de l’Exposition des Produits de l’Industrie Française faite en 1834*, Tome Troisième. Paris: s.ed., 1838, pp. 67-68. Disponível em <http://books.google.pt/books?id=UtA-AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false> (30.04.2015). Agradecemos esta referência a Henrique Correia Braga.

8. LAUZAC, Henry – “Veyrat, Augustin-Pierre-Adolphe”. *Galerie historique et artistique du 19^e siècle*, 5^e volume, 1867-1868, p. 43. Agradecemos esta referência a Anne-Dion Tenenbaum.

9. Neste ano, para além da associação com Morel, Veyrat expos também a sua produção individual no stand n.º 19, sendo identificado como: “Veyrat (Jean-François), à Paris, rue de la Tour, n.º 10: Orfèvrerie en argent, Vaisselle doublée sur cuivre, plaqué sur fer”. Cf. *Catalogue des Produits de l’Industrie Française, Ob. cit.*, 1834, p. 2. Disponível em https://archive.org/stream/bub_gb_CjXApaXjTLwC#page/n15/mode/2up (30.04.2015).

10. LAUZAC, Henry – “Veyrat, Augustin-Pierre-Adolphe”. *Ob. cit.*, p. 43.

11. Uma factura da Casa Veyrat datada de Maio de 1858, refere no cabeçalho, a morada de laboração: “A. Veyrat / Orfèvre / Fabrique, Rue de Malte, n.º 22 / Faubourg du Temple”. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Casa Real (CR), Cx. 4540, doc. 78. Documento localizado por Maria do Rosário Jardim, a quem agradecemos.

Na segunda metade de Oitocentos, a *Maison Veyrat* expôs em quase todas as exposições nacionais e internacionais nas quais foi reconhecida com inúmeros prémios: na Exposição Universal de 1853, em Nova Iorque, recebeu uma menção honrosa; na de Paris em 1855, uma medalha de prata; na exposição nacional de Dijon, em 1858 e na mostra de Artes Industriais, em 1861, duas medalhas de prata; na exposição nacional de Nîmes, em 1863, um diploma de honra; na mostra nacional de Bayonne, em 1864, uma medalha de ouro e nas Exposições Universais de 1867 e 1878, de Paris, duas medalhas de 1.ª classe.¹²

Entre as suas congéneres, a *Casa Veyrat* mantinha um lugar de primeira linha no fabrico de ourivesaria comercial, assegurando uma produção corrente de boa qualidade, muito embora algumas vezes críticas lhe tenham censurado a execução de modelos de um estilo já ultrapassado e de outros que pouco tempo resistiam ao gosto da sua contemporaneidade. Não obstante, a qualidade da sua produção estava alicerçada na utilização de uma moderna maquinaria a vapor bem como na adopção de expedidos instrumentos de trabalho, como por exemplo o torno mecânico, ao invés do processo manual, que em muito contribuíram para otimizar o ritmo de produção desta arte industrial. Os seus contemporâneos elogiavam-lhe a experiência profissional e o instinto na selecção de mão-de-obra e artistas colaboradores.

As apreciações do júri das exposições são elucidativas acerca do tipo de produção e qualidade das obras executadas pela *Maison Veyrat*. Na Exposição Universal de 1855 o júri deliberou: “M. Veyrat, à Paris. Orfèvrerie générale. Bons services de table, un coffre en argent, bonne pièce d’exposition. Aiguïère d’un grand effet pour son prix. Exploitation importante d’orfèvrerie courante, d’argent et de plaqué.”¹³ Extremamente interessante é outro relato coevo, não só pelo reconhecimento da excelência da produção Veyrat mas, sobretudo, pela descrição de dois centros de mesa apresentados na referida Exposição, um em *plaqué* e outro em prata, cujas principais peças eram constituídas por

“corbeilles à fruits”, ou sejam, cestas para fruta; temática replicada alguns anos volvidos no centro de mesa da Baixela para a rainha D. Maria Pia. A notícia que lhe é dedicada refere: “Parmi les orfèvres d’élite, nous devons citer un nom qui se recommande par des constants succès et un mérite réel dans cette industrie de luxe, celui de M. Veyrat, dont la maison fort ancienne, puisqu’elle remonte à 1815, a toujours été à la tête de son industrie. Cette maison s’est acquis une réputation incontestable dans la fabrication du plaqué; elle expose, cette année, au Palais de l’Industrie, un surtout de table en plaqué, composé d’une pièce de milieu avec bougies, deux corbeilles à fruits, deux sexes à champagne, quatre compotiers et deux candélabres de forme gracieuse, à côtes torsées et ornements vignes [...]”. Mais adiante, na secção das pratas, a segunda obra é “Une corbeille de fleurs et de fruits, mélange de cristal et de feuillages en argent, dont l’heureuse combinaison forme une délicieuse pièce pour milieu de table.”¹⁴

O equilíbrio na relação qualidade preço e a preocupação com a concorrência foram dois factores determinantes na gestão do negócio como se constata pelas palavras do júri em 1878: “Veyrat fils, n.º 26 du catalogue; Paris. [...] cette ancienne maison exporte la plus grande partie de ces produits, et elle doit obéir au goût et aux exigences de sa clientèle, ou du moins en tenir grand compte. En général, les objets exposés sont composés et exécutés dans cet esprit de concurrence étrangère, qui lui permet d’arriver à des prix relativement peu élevés. Production importante.”¹⁵

Augustin Veyrat foi um homem comprometido com a causa artística tendo desempenhado vários cargos institucionalmente relevantes no meio cultural e artístico do seu tempo. Na Exposição Universal de 1855 liderou a organização da secção de ourivesaria e na e 1878 presidiu ao comité de organização da Classe 24 de ourivesaria; foi vice-presidente da Câmara sindical de joalheria e ourivesaria em 1864; juiz do Tribunal de Comércio em 1866; um dos fundadores da *Union Centrale des Beaux-Arts appliqués à l’industrie* e membro de seu conselho de administração desde 1863.¹⁶

12. L.F. – “Necrologie”. *Ob. cit.*, p. 530.

13. *Exposition Universelle de 1855, Rapports du Jury Mixte International*. Tome II, Paris: Imprimerie Impériale, 1856, p. 248. Disponível em <http://books.google.sm/books?id=sVZAAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=it#v=onepage&q&f=false>

14. LE SENNE, N.-M. – “M. A Veyrat, Orfèvre à Paris”. *Biographie des Exposants de 1855 contenant des notices détaillées [...]*, Premier volume du tirage spécial. Paris: s.ed., 1855, pp. 137-141. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65354806/f175.image> [02.05.2015]. Agradecemos esta referência a Henrique Correia Braga.

15. BACHELET, M. L. – “Rapport sur l’Orfèvrerie”. *Exposition Universelle Internationale de 1878 à Paris, Groupe III – Classe 24*. Paris: Imprimerie Nationale, 1880, p. 12. Disponível em <http://num.cnam.fr/CGI/fpage.cgi?8XAE277-3.8/16/100/36/0/0> [02.05.2015].

16. L.F. – “Necrologie”. *Ob. cit.*, p. 530.

De acordo com o relato da notícia necrológica dedicada a Augustin Veyrat, é certo que o negócio familiar teve continuidade e foi transmitido à geração seguinte.¹⁷ Tal facto é corroborado por dois anúncios publicitários à Casa Veyrat, supostamente datados de 1876 e 1878,¹⁸ nos quais a *Orfèvrerie Veyrat*, com morada de fabrico no n.º 21, rue du Château-d'Eu, é apresentada sob a designação A. Veyrat et Fils aîné, dando-nos portanto a indicação de que o filho mais velho de Augustin colaborou com o pai e deu continuidade à produção Veyrat. A par do já referido punção destinado ao fabrico de peças em prata, figura aí um outro destinado às peças em metal prateado (uma estrela / A.V / uma estrela), identificado na bibliografia da especialidade como de Auguste Veyrat, *argenteur*, provavelmente com ligações de parentesco a Augustin, registado em Junho de 1861, com morada no n.º 22 rue de Malte (ARMINJON *et al.*, 1994: 78, n.º 626).

Ambos os anúncios ao estabelecimento Veyrat referem ainda outras informações da maior relevância quer para a promoção, à época, do estatuto comercial adquirido pelo fabricante, quer do tipo de artigos

que colocava no mercado. No cabeçalho menciona os prémios de reconhecimento atribuídos por ocasião das várias exposições: “Douze Médailles de bronze, d’argent et or / aux Expositions Universelles, Nationales et Régionales” e, imediatamente a seguir à designação comercial “A. Veyrat et Fils aîné”, recorda o prestígio da sua antiguidade, “Une des plus anciennes maisons (1815) / Réputée pour l’exécution parfaite de ses produits, pour le choix et le bon goût de ses modèles. Services de table complets dans tous les styles, couverts, couteaux, plats, candélabres, etc. / Objets d’Art pour prix de course, de régates, de comices, etc. / Orfèvrerie en Argent Massif / Argenture Électro-Chimique / Procédé Ruolz.”¹⁹

Após o desaparecimento de Augustin Veyrat torna-se difícil dar continuidade ao percurso da Casa Veyrat e à sucessão de Augustin, supostamente protagonizada pelo seu filho. A mais tardia referência que encontramos é a que figura na lista dos expositores do Catálogo Oficial da Exposição Universal de 1878, com a posição n.º 26, na qual é referida como Veyrat (F.) et C^{ie}, *Orfèvrerie en argent et ruolz*,²⁰ continuando a ter por morada o n.º 21 rue du Château d’Eau.

A BAIXELA VEYRAT NO PALÁCIO DA AJUDA A “PRATA DO CASAMENTO”

A documentação coeva bem como o Arrolamento Judicial, realizado por ocasião da nacionalização dos palácios pelo novo regime republicano (1911-1913), referem-se a esta baixela como a “prata do casamento”. O registo do Arrolamento dá-nos conta que, segundo o testemunho do particular da rainha D. Maria Pia (1847-1911) que acompanhou os arrola-

dores judiciais dos bens existentes no Paço da Ajuda, o referido serviço terá sido trazido pela soberana quando veio para Portugal. O termo de abertura descreve-o como “[...] prata com as antigas armas reaes portuguesas e italianas, [...] serviço conhecido pelo nome de «prata do casamento» que a snr.ª D. Maria Pia trouxe de Italia quando veio para

17. O texto refere: “Il avait reçu de son père et a transmis à son fils une maison d’orfèvrerie créée en 1815”. Cf. *Idem*, p. 529.

18. *Some French Advertisements and Information*. Disponível em <http://www.925-1000.com/forum/viewtopic.php?t=34542> (13.04.2015).

19. O método de Ruolz foi descoberto pelo químico francês François Albert-Henri-Ferdinand Ruolz (1810-?) que em 1841 registou a sua primeira patente. Consistia num processo que permitia dourar ou pratear ferro, aço, estanho, bronze e latão através da acção da pilha voltaica e do ouro ou prata dissolvidos em cianeto de potássio. Em 1842, Charles Christofle (1805-1863) obteve a exclusividade do uso das patentes de Elkington & Co. e de Ruolz e desenvolveu um novo processo electroquímico para pratear através da electrólise. Este processo permitia depositar uma fina camada de prata (ouro ou platina) sobre um objecto de cobre ou outro metal. Alguns anos volvidos, a patente entrou no domínio público e passou a ser usada por outros fabricantes. O sucesso desta nova técnica provocou um acentuado declínio dos fabricantes de *plaqué*. Só os mais reputados, como os casos da *Maison Veyrat*, *Balaine*, *Gandais* ou *Parquin* souberam adaptar-se e subsistir a esta concorrência.

20. *Exposition Universelle Internationale de 1878 à Paris*, Catalogue Officiel, Tome II, Section Française. Paris: Imprimerie Nationale, 1878, p. 12.

Portugal, segundo informação de Pedro Dias” sendo ainda aí mencionado que todas as peças identificadas como pertença deste serviço ficariam então guardadas nos respectivos “estojos de madeira.”²¹ O inventário judicial prossegue discriminando cinco estojos e o seu conteúdo.²² À data do Arrolamento estavam guardados na designada “Casa da Arrecadação das pratas de D. Maria Pia” que compreendia uma sequência de várias dependências situadas na ala norte do piso térreo. Estojos e respectivas peças conservam-se hoje no acervo do Palácio Nacional da Ajuda.

Considerando que D. Maria Pia, princesa de Sabóia, quando veio para Portugal para casar com o rei D. Luís I, em 1862,²³ tinha apenas quinze anos; pare-nos verosímil supor que esta baixela tenha sido encomendada pela Casa Real italiana e que, neste sentido, tenha feito parte do dote da princesa.

A referida baixela terá chegado a Lisboa provavelmente entre 1863 e 1865, altura em que os registos alfandegários dão conta da entrada de uma grande quantidade de estojos e caixas com objectos para a Casa Real, ainda relacionados com a vinda de D. Maria Pia, respectivo dote e provavelmente aquisições realizadas já depois do casamento.

As duzentas e sessenta e uma peças que compõem actualmente este serviço de mesa, revelam em termos formais e estilísticos uma linguagem revivalista de cariz romântico numa evocação do *estilo Luís XV*, aquele que claramente viria a ser o preferido da rainha nas aquisições feitas ao longo de todo o reinado.

As peças, de superfície lisa e contornadas por delicados frisos perlados realçam e suportam as componentes escultórica e naturalista. As figuras de *putti* em vulto com os atributos do Verão (espigas de trigo) e do Outono (cachos de uva), inspiram-se nos modelos pintados, à época, por Boucher (1703-1770) ou Fragonard (1732-1806), nas composições mitológicas de crianças ao gosto do *rocaille* francês

evocando, neste caso em particular, o tempo das colheitas e o das vindimas com as suas festividades associadas a Baco. A preferência por esta temática não terá sido porventura alheia ao acontecimento que terá motivado a encomenda da baixela, o casamento de D. Luís e D. Maria Pia, realizado justamente em plena época outonal [fig.01]. A coroa real pousada sobre uma almofada de quatro borlas, ambas realisticamente cinzeladas, e com especial destaque sobre a superfície lisa e polida da prata, é outro elemento de grande carga simbólica no programa decorativo deste serviço. A componente naturalista está patente nos ornamentos fitomórficos que adornam volutas e outros elementos estruturais bem como nalguns pormenores cinzelados à imagem da natureza.

A intrínseca ligação deste serviço à figura da rainha D. Maria Pia é corroborada quer pela gravação sistemática do seu monograma “MP” em todas as peças [fig.02], quer pela representação heráldica das armas de aliança de Portugal e Sabóia sob coroa real, aludindo ao seu enlace matrimonial [fig.03].²⁴ O monograma da soberana marca também todas as peças de cristal, sendo neste caso composto pela inicial “M” e dois “PP” opostos, sob coroa real.

No que diz respeito à marcação legal deste serviço como obra de ourivesaria, há que mencionar a já referida marca de ourives fabricante usada por Augustin-Pierre Adolphe Veyrat dd. 1849 a 1883 [?] e a marca de exportação (cabeça de Mercúrio) usada em França dd. 1840 a 1879 (BEUQUE, 1984:10, n.º 84).

Não sendo, por ora, possível datar com precisão a execução deste serviço e aferir a data exacta da sua chegada à Casa Real, dada a ausência de documentação coeva que o corrobore, podemos contudo identificar, com alguma segurança, um arco temporal relativamente curto para este efeito. Considerando que o casamento entre D. Luís e D. Maria Pia foi planeado durante o ano de 1862, é possível

21. Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA), Direcção Geral da Fazenda Pública, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, fl. 1265 e 1265v.

22. O inventário da Baixela Veyrat compreende as referências alfanuméricas N' 606 a N' 637. APNA, *Idem*, fls. 1265v. a 1277.

23. O Infante D. Luís (1838-1889) ascendeu ao trono em 1861 após o falecimento do seu irmão D. Pedro V, sem descendência. O Palácio da Ajuda foi então escolhido para residência oficial da Corte. A preocupação com o casamento do novo monarca e o problema da sucessão tornaram-se desde logo questões prioritárias. A escolha recaiu sobre a princesa Maria Pia de Sabóia. D. Luís anunciou publicamente a sua intenção de casar a 29 de Abril de 1862. No dia 27 de Setembro, o casamento foi realizado por procuração em Turim e ratificado em Lisboa, com a presença dos noivos, a 6 de Outubro, na Igreja de S. Domingos.

24. Os estojos da baixela, em madeira de carvalho e ferragens de metal, foram também identificados na tampa com uma chapa metálica na qual figuram as armas de aliança de Portugal e Sabóia gravadas.



Fig. 01· Fruteiro grande, Augustin Veyrat; Prata e cristal; 33,5x42,5 cm; PNA, Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)



Fig. 02· Monograma "MP" (Maria Pia) no interior da base, Fruteiro grande; Prata; PNA, Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)

que a intenção de encomenda de um tal serviço tenha também ocorrido no decorrer daquele ano. É certo que todas as peças estão marcadas com o punção de Augustin Veyrat, usado entre 1849 e 1883. Todavia, identificámos um outro punção que se revelou determinante para restringir cronologicamente o período durante o qual terá sido realizado este conjunto. Trata-se de um segundo punção de autoria relativo a uma subcontratação realizada por Augustin à firma Thomas & Hénin²⁵ para o fabrico de alguns talheres como foi o caso, por exemplo, dos dois pares de talheres trinchantes (garfo e faca) [fig.04]. O punção aí aposto (um botão de rosa / T & H / uma estrela) foi apenas usado entre 4 de Outubro de 1861, data de registo, e 16 de Agosto de 1865, data de cancelamento (ARMINJON *et al.*, 1994: 341, n.º 3780). Podemos pois inferir que, muito provavelmente, a baixela no seu todo ou, na sua maior parte, terá sido executada entre os anos de 1862 e 1865. É importante referir que, no caso destes grandes conjuntos, os modelos eram muitas

vezes já existentes em oficina, sendo adaptados e/ou complementados com novas tipologias consoante as preferências e necessidades do encomendante.

No já referido Arrolamento Judicial, o primeiro estojo a ser inventariado foi justamente o do faqueiro para 12 pessoas²⁶ com os seus cento e noventa e quatro talheres. Para além dos talheres individuais de mesa e sobremesa, a grande diversidade de talheres de serviço é elucidativa da progressiva industrialização aplicada ao ramo da ourivesaria bem como da sofisticação das artes da mesa que se traduziram numa extraordinária multiplicação de tipologias e modelos. Refiram-se, por exemplo, os garfos para melão, as colheres "para neve", as colheres para refresco, a espátula para peixe, o garfo e faca trinchantes, o garfo e colher para salada, ou a tenaz para espargos, entre outros [fig.05].

O segundo estojo continha todas as peças ditas *de serviço à mesa*, designadamente: 2 saleiros, 1 mostardeira,

25. A sociedade Thomas & Hénin, fabricante de ourivesaria, especializada em talheres e pequenos objectos de mesa sucedeu a Hippolyte Thomas, no n.º 9 rue des Enfants-Rouges, em Paris. Cf. ALLAN, David – *Le Couvert & la coutellerie de table française du XIXe siècle*. Dijon: Éditions Faton, 2007, p. 305.

26. Refira-se que os garfos e facas de carne são em número de 30, ou seja, um pouco mais do dobro do que seria necessário para uma mesa de 12 pessoas. Julgamos que tal facto se deve à necessidade de serem usados sequencialmente para prato de peixe e prato de carne, dada a inexistência de talheres de peixe neste faqueiro. Apesar de tudo, o ourives contemplou uma Pá para peixe entre os talheres de servir.



Fig. 03. Armas de aliança de Portugal e Sabóia coroadas no cabo de um talher; Prata; PNA, Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)



Fig. 04. Pá para peixe, Faca e garfo trinchantes (2), Augustin Veyrat, Thomas & Hénin (respectivamente); Prata, prata e aço; 2,4x29,8x5,4 cm (Pá), 1,8x28,3x2,4 cm (Faca), 2x24,6x2,6 cm (Garfo), 2x17,8x1,9 cm (Faca), 2x13x3,3 cm (Garfo); PNA, Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)



Fig.05. Garfo e colher para salada (reverso), Augustin Veyrat e Thomas & Hénin; Prata e prata dourada; 2,7x25x2,2 cm (Garfo), 2,7x25,6x4,2 cm (Colher); PNA, Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)

1 terrina, 2 pratos cobertos legumeiros, 2 pratos com escalfador, 1 travessa grande, 2 travessas médias, 4 pratos grandes, 5 pratos pequenos, 1 molheira, 1 galheteiro, 4 bases para garrafa com prato, 6 taças compoteiras, 2 bases para garrafa transfuradas e 12 coleiras para garrafa [fig.06].

O terceiro estojo guardava o serviço de chá e café, em prata e prata dourada, constituído por: bule, cafeteira, leiteira, açucareiro, chaleira e tabuleiro.

O quarto e quinto estojos acondicionavam peças de carácter ornamental e também utilitário de maior dimensão, algumas destinadas à ornamentação do eixo central da mesa. No primeiro: 2 fruteiros grandes, também chamados de "fructeiros grandes com figura"; 4 fruteiros pequenos, "ditos mais pequenos" e 2 urnas com tampa; no segundo: 2 candelabros de sete lumes e 2 fruteiros triplos, também designados na documentação coeva de "pratos montados" [fig.07,08].

A maior e mais aparatosa peça de todo este conjunto, o seu centro de mesa, não constou do mencionado Arrolamento Judicial, o registo manuscrito de Bens originários da Casa Real em 1910, pelo facto de há data já não se encontrar no Palácio da Ajuda. Este centro de mesa, bem como duas travessas do mesmo serviço, outras peças de prata e muitas jóias pessoais de D. Maria Pia foram entregues pela própria ao banqueiro Burnay como garantia de avultados empréstimos bancários que vieram colmatar a insuficiente dotação anual atribuída à *Casa de Sua Magestade a Rainha*.

Após a morte de Burnay, em 1909, e da própria rainha D. Maria Pia, em 1911 no exílio, realizou-se na sede do Banco de Portugal, em Lisboa, de 24 a 31 de Julho de 1912, o célebre *Leilão das Jóias e Pratas que pertenceram à falecida rainha Sra. D. Maria Pia*, levando à praça um considerável acervo de importante valor histórico e artístico, cujo catálogo é um documento



Fig. 06- Prato coberto, Augustin Veyrat; Prata; 16,5x26,5x19,3 cm; PNA, Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)

de relevo sobre as peças que então foram vendidas. O leilão integrou 367 lotes de jóias²⁷ e 8 de pratas, estes no final do catálogo, todos sem uma única fotografia. O centro de mesa e as duas travessas pertencentes à baixela Veyrat são sumariamente referenciados nas duas últimas entradas, n.ºs 7 e 8 nos seguintes termos: “Centro em prata cinzelada acompanhado de fruteiros em prata trançada” e “Duas travessas”, respectivamente. Graças a um exemplar do catálogo acompanhado de detalhadas anotações manuscritas à época,²⁸ temos conhecimento do nome dos compradores bem como do valor de arrematação das obras. O centro de mesa foi adquirido por Luís Monteiro, pela quantia de 1.300.000 escudos e as travessas por Eduardo John, associadas no mesmo lote

a “Um candelabro (Pastoral)”, pela quantia global de 1.650.000 escudos.²⁹ Sabemos hoje que Luís Monteiro terá vendido a peça, provavelmente no final dos anos 20, ao avô do seu mais recente proprietário que, por sua vez, a viria a vender em leilão no final de 2014.

Alguma imprensa da época publicou imagens de peças leiloadas, sobretudo jóias, e a Revista *Brasil-Portugal* consagrou a capa da edição de 1 de Agosto ao referido centro de mesa sob o título *O Leilão das Joias da Senhora D. Maria Pia* [fig.09].³⁰ Particularmente interessante e de grande valor documental, é a imagem recolhida pelo fotógrafo Henrique Nunes ca. 1880, uma albumina montada em cartão, hoje no acervo da Biblioteca da Ajuda [fig. 10].³¹

27. Foram antecipadamente subtraídos à venda pública 22 lotes (86-100, 157, 163 e 164, 169, 186, 190 e 200).

28. Exemplar policopiado, recolhido no Arquivo do Banco de Portugal por Maria do Carmo Rebello de Andrade, a quem agradecemos. Cf. *Catálogo das Jóias e Pratas que pertenceram à falecida rainha Sra. D. Maria Pia*. Lisboa: Typ. do Anuario Comercial, 1912.

29. Atendendo ao elevado valor, depreende-se que o candelabro deveria ser uma peça imponente e artisticamente valiosa.

30. *Brasil-Portugal*, n.º 325. Lisboa: Typ. do Anuario Comercial, 1 agosto 1912.

31. Cf. B.A., 232-IV, n.º 1498, DGPC/ADF. Refira-se que este lote de imagens contempla ainda duas outras fotografias onde se observam peças da Baixela Veyrat junto a peças de ourivesaria da Coroa (cf. B.A., 232-IV, inv. 1487, DGPC/ADF e B.A., 232-IV, inv. 1495, DGPC/ADF).



Fig. 07· Candelabro, Augustin Veyrat; Prata; 71,5x35,5 cm; PNA, Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)



Fig. 08· Fruteiro triplo ou “prato montado”, Augustin Veyrat; Prata e cristal; 50x53x21,5 cm; PNA, Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)

Desde a realização do referido leilão, em 1912, até muito recentemente, o paradeiro deste importante centro de mesa foi uma incógnita.³² Passados 102 anos, quis o destino que afortunadamente viesse a público ao aparecer para venda no leilão da Cabral Moncada de 15 de Dezembro de 2014.³³

Sobre um *plateau* de orla recortada, delimitado por uma moldura com friso perlado, eleva-se uma estrutura de ornatos volutiformes que descreve um arco adornado de folhagens sustentando um fruteiro circular fixo, em prata entrançada, ladeado por outros dois de menor diâmetro suspensos, originalmente completados com almas de cristal.³⁴ Quatro singelos festões de folhagem

e vários putti animam o cenário e enriquecem a decoração dos elementos centrais [fig. 11].³⁵

O centro de mesa de Augustin Veyrat apresenta uma particularidade muito especial e rara entre esta tipologia de peças, algo que até à data não observámos em nenhum outro exemplar. O motivo central de todo o conjunto, puramente decorativo: um *putti* sentado sobre uma almofada de quatro borlas num baloiço oscilante, segurando na mão direita uma flauta de pan e na esquerda um arlequim, é, efectivamente, uma peça volante ou substituível. Em seu lugar pode ser colocado um robusto globo de cristal com o monograma “MPP” gravado e uma tampa de prata

32. No início de 2003, a pedido da então directora do Palácio Nacional da Ajuda, o canal de televisão SIC emitiu uma reportagem chamando a atenção para a importância desta peça na tentativa de encontrar o seu paradeiro; infelizmente sem resultado.

33. O centro de mesa veio acompanhado do seu respectivo estojo original (82x98x71,3cm). Cf. *Leilão de Antiguidades e Obras de Arte*, n.º 164, 15 e 16 de Dezembro, Cabral Moncada Leilões, lote 351, 1.º sessão.

34. Entre um considerável conjunto de peças de cristal desta baixela suplentes e guardadas em reserva, identificámos três taças que se destinam aos cestos laterais. Infelizmente, não foi possível localizar até à data a taça do cesto central, que não integra o acervo do Palácio Nacional da Ajuda.

35. Alt.: 76 x comp. 90 x larg. 64 cm. Peso: c.31.000g



Fig. 09. Capa da revista *Brasil-Portugal*, 1 de Agosto de 1912 (fot. de Vasco Cunha Monteiro, Cabral Moncada Leilões)

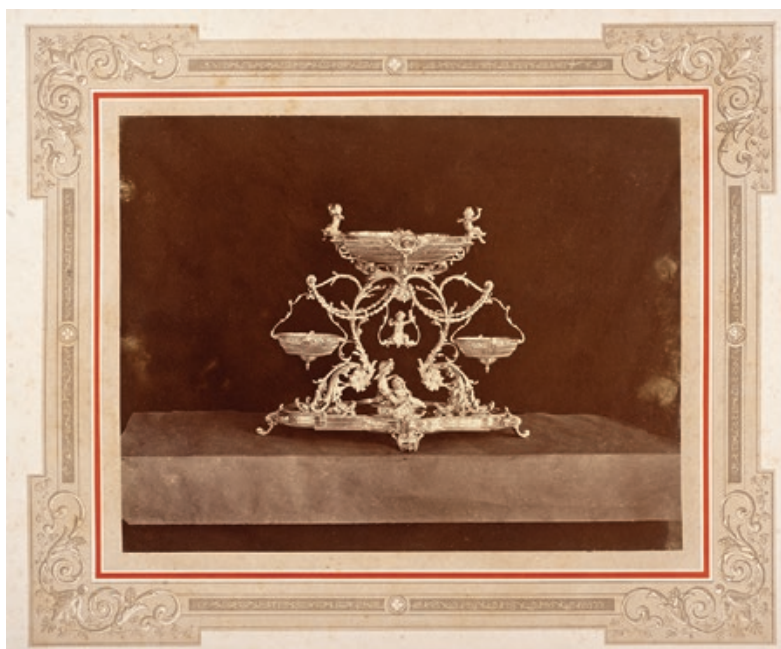


Fig. 10. Centro de mesa, Henrique Nunes, ca. 1880, Albumina montada em cartão; B.A., Lisboa (fot. de Luísa Oliveira, DGPC/ADF)

transfurada, encimada por uma argola. A resposta à enigmática funcionalidade deste globo viria a ser revelada pela documentação pesquisada.

O inventário da Prata de Sua Magestade Rainha A Senhora D. Maria Pia,³⁶ lavrado em 1891, discrimina uma listagem integral da baixela, sendo aí referido um “Surtout de mesa com trez açafates” e, em separado, um “Aro e tampa, do vidro para peixes”. O globo era, pois, um aquário! Um recurso, sem dúvida, inusitado na concepção da peça e no contexto da composição central de uma mesa oitocentista mas um tema certamente agradável aos convivas e revelador do génio criativo de Augustin Veyrat [fig. 11].

Num outro inventário da *Prata com as armas reaes Portuguezas e Italianas pertencente a Sua Magestade*,³⁷ datado de 1894, voltam a ser mencionados: um “Centro de meza com trez açafates”, um “Vidro que serve p[ar]a peixe”, um “Aro do dito” e uma “Tampa do dito”.

Anexa a uma *Relação de Objectos e seus valores*,³⁸ encontrámos uma nota manuscrita, discriminando todas as pratas pertencentes à rainha D. Maria Pia que foram entregues no Banco de Portugal e que em 1912 viriam a ser leiloadas. A primeira peça da lista é o “Centro do casamento completo”, avaliado em 7.718.400 réis e a última as “2 travessas”, com o valor estimado de 392.400 réis. A nota termina justificando o teor da listagem: “Prata que foi entregue pelo Ex.^{mo} Mordomo no Banco de Portugal por ordem de Sua Magestade em 17 de Julho de 1903”. O centro de mesa e as duas travessas estiveram portanto à guarda do Banco de Portugal durante nove anos até à realização do leilão.

Quatro anos volvidos, um novo inventário de toda a prata pertencente a D. Maria Pia, refere a baixela Veyrat na sua totalidade. Todavia, as verbas que dizem respeito ao centro de mesa e às suas partes amovíveis: “aro com dois bonecos”,³⁹ “vidro para

36. APNA, 10.2.2., Cx. 2, Real Tesouro e Mantiarria, Março 1874-3.9.1910, Capa n.º 6, Relação das peças de prata pertencentes à rainha D. Maria Pia, *Prata de Sua Magestade Rainha A Senhora D. Maria Pia*, 1891.

37. APNA, 5-II (b), [Inventários pratas, louças, etc.], *Prata com as Armas reaes Portuguezas e Italianas pertencente a Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia. Armário N.º 1*, 1 Junho 1894, fls. 2-3.

38. APNA, 10.2.2., Cx. 2, Real Tesouro e Mantiarria, Março 1874-3.9.1910, Capa n.º 18, Relação dos Objectos e seus valores existentes na Arrecadação da Mantiarria dos Palácios da Ajuda, Sintra e Estoril, 30 Junho 1902, *Valores em reis de tudo quanto existe na Arrecadação da Real Mantieiria* [...].

39. Refere-se certamente ao baloiço do centro da peça, por lapso mencionado com tendo dois “bonecos”.



Fig. 11- Centro de mesa, Augustin Veyrat; Prata; 76x90x64 cm; PNA, Lisboa (fot. de Vasco Cunha Monteiro, Cabral Moncada Leilões)

peixes aro de prata”, “tampa de prata do dito” bem como as duas travessas, encontram-se devidamente assinaladas com a nota manuscrita a lápis “no Banco de Portugal.”⁴⁰

Da documentação pesquisada até à data não encontrámos nenhuma descrição da composição ornamental do eixo central de uma mesa com o referido centro e peças complementares, como sejam

os candelabros, os fruteiros com taças circulares ou os pratos montados; nem tão pouco uma listagem que nos remeta para qualquer uma utilização circunstancial desta baixela no seu todo. Todavia, localizámos várias referências a elementos deste serviço que, de acordo com as circunstâncias e as necessidades, foram sendo requisitados à Mantaria⁴¹ e utilizados conjuntamente com peças de ourivesaria distintas que não as da dita baixela.

40. APNA, 5-II-2 [Inventário pratas, louças, vidros, bronzes, 1907], *Prata com as Armas Reaes Portuguezas e Italianas N.º 1*, fl. 14.

41. A Administração Geral do Palácio da Ajuda superintendia diversas repartições, entre as quais a Real Mantaria e o Real Tesouro, onde se guardava todo o material necessário para o serviço de mesas da família real, da Corte e dos empregados.



Fig. 12. Centro de mesa com aquário, Augustin Veyrat; Prata; 76x90x64 cm; PNA, Lisboa (fot. de Vasco Cunha Monteiro, Cabral Moncada Leilões)

Foi o que sucedeu a 9 de Março de 1907 com alguma prata *De sua Alteza que se emprestou às Necessidades*. De entre uma listagem de variadas peças, sob a designação *De sua M[agestade] R[ainha]* são mencionadas as “serpentina caçamento 2” e “fructeiros e vidros caçamento 4.”⁴² Do mesmo dia é uma outra lista que discrimina o *Serviço que foi para Cintra para o chá rei saxe*. No verso da lista, sob o elucidativo título *Á Luiz 15º*, e mais abaixo sob

a designação *prata caçamento*, são discriminadas: “1 terrina e tampa, 2 pratos cobertos e tampas, 1 bule, 1 caf[eteir]a, 1 assuc[areir]o sem tampa, 2 pratos montados, 12 colheres p[ara] refresco, 8 colleiras para garrafas, 1 tableiro.”⁴³

Assim, aconteceu também a 17 de Dezembro de 1907, quando foram seleccionadas várias peças da *Prata de S[ua] M[agestade] para o jantar aos expedicionários*.

42. APNA, 10.2.2., Cx. 2, Real Mantuaria, Março 1874-3.9.1910, Capa n.º 23, Roles diversos de peças usadas em diversas ocasiões, 1906-1910; *De sua Alteza que se emprestou às Necessidades*, 9.3.907.

43. APNA, 10.2.2., Cx. 2, Real Mantuaria, Março 1874-3.9.1910, Capa n.º 23, Roles diversos de peças usadas em diversas ocasiões, 1906-1910; *Serviço que foi para Cintra para o chá rei saxe*, 9.3.907.

Nesta listagem identificamos “2 vasos do casamento [urnas], 2 serpentinas do casamento, 1 tabuleiro do casamento, 4 fruteiros e vidros casamento.”⁴⁴

Utilização distinta tiveram os dois fruteiros grandes que identificámos numa interessante imagem de época, da autoria de Francisco Rocchini,⁴⁵ que retrata a Quermesse realizada na Tapada da Ajuda entre 17 e 19 de Maio de 1884.⁴⁶ O evento, cuja comissão de honra foi presidida pela rainha D. Maria Pia, destinava-se a angariar fundos para a Real Associação das Creches. Na referida imagem o fotógrafo captou uma vista frontal da Barraca de Sua Magestade a Rainha, cuja decoração esteve a cargo dos jardineiros do Palácio da Ajuda e onde se vendiam bouquets de flores naturais e artificiais. Sobre o balcão observam-

-se os dois fruteiros com as suas taças de cristal repletas, porventura de flores, sob o olhar vigilante da rainha D. Maria Pia.

A forte ligação deste serviço de mesa à rainha e ao Palácio da Ajuda, onde a soberana viveu ao longo de quase cinquenta anos, justificam a recente reintegração do seu centro de mesa como uma das mais emblemáticas aquisições da história do Palácio enquanto instituição museológica. A sua reintegração nas colecções deste museu e a possibilidade de o expor permanentemente na Sala de Jantar, sobre a mesa, junto das restantes peças da baixela, constitui seguramente uma extraordinária valorização de todo este conjunto, em particular, das colecções do Palácio Nacional da Ajuda mas, sobretudo, do património nacional.

44. APNA, 10.2.2., Cx. 2, Real Mantuaria, Março 1874-3.9.1910, Capa n.º 23, Roles diversos de peças usadas em diversas ocasiões, 1906-1910; *Prata de S. M. para o jantar aos expedicionários*, 17.12.1907.

45. Francisco Rocchini (1822-1895), de origem italiana, radicou-se em Portugal em 1847. Tornou-se num dos fotógrafos mais activos a partir de 1870.

46. A imagem integra um álbum de fotografias dedicado à Quermesse com várias “vistas photographicas das barracas para a festa de caridade”, realizadas por Rocchini. As páginas de abertura são dedicadas à *Barraca de Sua Magestade a Rainha*, exibindo quatro imagens com diferentes perspectivas da barraca. (Cf. Álbum de fotografias *Kermesse 1884*. PNA, inv. 42246.

REFERÊNCIAS DE INTERNET

BACHELET, M. L. – “Rapport sur l’Orfèvrerie”. *Exposition Universelle Internationale de 1878 a Paris, Groupe III – Classe 24*. Paris: Imprimerie Nationale, 1880, p. 12. Disponível em <http://cnum.cnam.fr/CGI/fpage.cgi?8XAE277-3.8/16/100/36/0/0> (02.05.2015)

Catalogue des Produits de l’Industrie Française, admis à l’Exposition Publique, sur la Place de la Concorde, en 1834. Paris: Pihan Laforest Imprimeur, 1834, p. 3. Disponível em https://archive.org/stream/bub_gb_CjXApaxjTLwC#page/n15/mode/2up (30.04.2015)

Exposition Universelle de 1855, Rapports du Jury Mixte International. Tome II, Paris: Imprimerie Impériale, 1856, p. 248. Disponível em <http://books.google.sm/books?id=sVZAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=it#v=onepage&q&f=false> (30.04.2015)

LE SENNE, N.M. – “M. A Veyrat, Orfèvre à Paris”. *Biographie des Exposants de 1855 contenant des notices détaillées sur les inventions, les travaux de tous genres, titres, décorations, médailles, etc., de ceux qui sont les gloires manufacturières, industrielles, agricoles et*

artistiques de la France et de l’étranger. Premier volume du tirage spécial. Paris: s. ed., 1855, pp. 137-141. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65354806/f175.image> (02.05.2015)

L.F. – “Necrologie”. *Revue des Arts Décoratifs*, Tome V. Paris: Union Centrale des Arts Décoratifs, 1884-1885, pp. 528-530. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k58031859/f585.image.r=Dictionnaire%20des%20arts%20et%20industries.langFR> (30.04.2015)

Musée Industriel, Description Complète de l’Exposition des Produits de l’Industrie Française faite en 1834, Tome Troisième. Paris: s. ed., 1838, pp. 67-68. Disponível em <http://books.google.pt/books?id=UitA-AAAAacAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false> (30.04.2015)

Some French Advertisements and Information. Disponível em <http://www.925-1000.com/forum/viewtopic.php?t=34542> (13.04.2015)

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA), Direcção Geral da Fazenda Pública, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 4, 1911

APNA, 10.2.2., Cx. 2, Real Tesouro e Mantaria, Março 1874-3.9.1910

APNA, 5-II (b), [Inventários Pratas, Louças, etc.]

APNA, 5-II-2 [Inventário pratas, louças, vidros, bronzes, 1907]

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Casa Real, Cx. 4540, doc. 78

FONTES POLICOPIADAS

Exposition Universelle Internationale de 1878 à Paris, Catalogue Officiel, Tome II, Section Française. Paris: Imprimerie Nationale, 1878, p. 12

LAUZAC, Henry – “Veyrat, Augustin-Pierre-Adolphe”. *Galerie historique et critique du 19^e siècle*, 5^e volume, 1867-1868 (pp. 42-46)

CATÁLOGOS E PERIÓDICOS

Antiguidades e Obras de Arte, Leilão n.º 164. Lisboa: Cabral Moncada Leilões, Dezembro 2014

Brasil-Portugal, n.º 325. Lisboa: Typ. do Anuario Comercial, 1 Agosto 1912

Catálogo das Jóias e Pratas que pertenceram à falecida rainha Sra. D. Maria Pia. Lisboa: Typ. do Anuario Comercial, 1912

FONTES ICONOGRÁFICAS

Biblioteca da Ajuda, Direcção-Geral do Património Cultural/
Arquivo de Fotografia, Fotografias de Henrique Nunes, ca. 1860-70
(232-IV, n.º 1498; 232-IV, inv. 1487; 232-IV, inv. 1495)

Palácio Nacional da Ajuda, Direcção-Geral do Património Cultural
– Álbum de fotografias *Kermesse 1884. Vistas photographicas das barracas para a festa de caridade presidida por Sua Magestade a Rainha na Real Tapada da Ajuda nos dias 17, 18 e 19 de Maio de 1884 em favor da Real Associação das Crèches* (PNA, inv. 42246)

BIBLIOGRAFIA

ALCOUFFE, Daniel; DION-TENENBAUM, Anne; ENNÈS, Pierre
(et al.) – *Un âge d'or des arts décoratifs 1814-1848*. Paris: Réunion
des Musées Nationaux, 1991

ALLAN, David – *Le couvert & la coutellerie de table française
du XIX^e siècle*. Dijon: Éditions Faton, 2007

____ – *Orfèvrerie française orientaliste du 19^{ème} siècle*.
Paris: Galerie Berko, 2003

ALVES, Fernanda; FERRÃO, Pedro Miguel; CARVALHO, Rui Galopim
de; MARANHAS, Teresa – *Normas de Inventário, Ourivesaria*.
Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2011

ARMINJON, Catherine; BEAUPUIS, James; BILIMOFF, Michèle –
*Dictionnaire des poinçons de fabricants d'ouvrages d'or et d'argent,
Paris et de la Seine 1838-1875*, Tome II. Paris: Imprimerie Nationale,
1994

____ – *Dictionnaire des poinçons de fabricants d'ouvrages d'or et
d'argent, Paris et de la Seine 1798-1838*, Tome I. Paris: Imprimerie
Nationale, 1991

BEUQUE, Emile – *Dictionnaire des Poinçons officiels français &
étrangers, anciens & modernes de leur création (XIV^e siècle) à nos
jours*, Tome I. Paris: F. de Nobele, 1984

KJELLBERG, Pierre – “L'argenterie française du 19^e siècle, 1830-1890”.
Connaissance des Arts, n.º 296. Paris: Société Française
de Promotion Artistique, octobre 1976 (pp. 58-67)

LUCAS, Isabelle – “Valentin Morel. Itinéraire d'un orfèvre
d'exception”. *L'Estampille / L'Objet d'art*, n.º 350. Dijon: Editions
Faton, septembre 2000 (pp. 94-103)

SENA, António – *História da Imagem Fotográfica em Portugal
1839-1997*. Porto: Porto Editora, 1998